SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXII

JULHO DE 1976

N.º 373

Avulso Esc. 5$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

«SEMPRE PRONTO»

A Direcção deste mensário já há algum tempo que tem vindo a alertar os seus estimados Leitores para as dificuldades que afectam a existência de «Sempre Pronto», dificuldades que, acumuladas, conduziriam fatalmente à sua suspensão.

Temos referido dificuldades de ordem financeira, que se têm agravado continuamente. Apesar da boa-vontade e colaboração da Gráfica que imprime o jornal, o custo do trabalho atingiu alto preço e tudo leva a crer que continuará a agravar-se porque se prevêem novos aumentos salariais.

As taxas postais de expedição e cobrança atingiram custos insuportáveis, que não depõem a favor de um serviço público que deveria ter maior interesse pela pequena imprensa, de grande valor social.

Se cada edição do jornal causa défice, forçoso será concluir que tal situação não poderá ser indefinidamente prolongada. Só a generosidade dos nossos assinantes patrocinadores tem permitido manter por tanto tempo a vitalidade desta obra.

Mas a crise financeira é apenas uma dificuldade e talvez não seja a maior. A falta de colaboração é o mais grave problema. Alguns dedicados colaboradores têm-nos deixado a sua saudade e partido para a eternidade. Outros, assoberbados com diferentes trabalhos, deixaram de participar activamente. São aqueles que ficam que têm de suportar todo o serviço, desde rever originais e provas, escrever editoriais e noticiários, manter a administração, expedir o jornal, escrever correspondência. E são poucos e sempre os mesmos, há já 31 anos! Este esforço redobrado e gracioso, que consome as horas que deveriam ser de lazer, tinha imperiosamente de cansar, de fatigar, de saturar. Era fatal que esta situação teria inexoravelmente um fim e este vai chegar em Dezembro do corrente ano, como foi

Continua na pág. 6

Tudo como dantes...

Assim decorreu a Conferência de Dirigentes

A falta de quórum prejudicou a agenda dos trabalhos

Embora estivesse previsto que a conferência de dirigentes se realizasse ao longo dos dias 3 e 4 deste mês de Julho, bastou o primeiro daqueles dias para se chegar ao fim dos trabalhos. Qual a razão desta rapidez no desenrolar desta reunião? A resposta obtê-la-ão os nossos leitores do relato que dela vamos tentar fazer.

Em primeiro lugar, há que confessar que a conferência de dirigentes não começou sob os melhores auspícios. Sentia-se que no ambiente não havia aquela claridade, aquela atmosfera arejada que devia caracterizar uma reunião de esco-

Continua na pág. 3

Vamos fazer um inquérito!

Qual a sua opinião acerca dos «artigos de fundo» do «Sempre Pronto»?

Jean Pellegrin, que foi brilhante comissário dos Escoteiros Unionistas de França, escreveu certa vez que é inconcebível que um Chefe não tenha cultura escoteira, mas seria desastroso que ele fosse um rapaz sem cultura. Esse desastre aconteceu. Foi a recente Conferência de Dirigentes, consequência da falta de cultura, da incapacidade, de tantos elementos que têm sido colocados como dirigentes.

Quando, a certa altura, um experiente Dirigente fez apelo vibrante para que se não deixasse morrer «Sempre Pronto», levantou-se um desses ditos dirigentes, que declarou enfaticamente que os escoteiros do seu Grupo não conseguiam ler os artigos de fundo até ao fim. Necessariamente que os editoriais se destinam aos Leitores em geral, aos Caminheiros e aos Escoteiros mais velhos. Não sei como reagirão os membros do Grupo do tal dirigente ao infeliz atestado de ignorância que lhes foi passado.

Pela mesma data, recebemos uma carta de um jovem guia de patrulha brasileiro, Victoriano Villamil, que nos solicita uma assinatura de «S. P.». Tomou conhecimento do jornal através do Chefe Adolfo do Grupo «David de Barros», que lhe enviou o n.º 364, publicado em Dezembro de 1975 (com um longo artigo de fundo) e acrescenta: achei-o fora de série, e digo novamente que seria uma satisfação imensa para mim, ser um assinante de «Sempre Pronto».

Aqui temos, pois, duas opiniões distintas. De um dirigente de Lisboa e de um guia de patrulha do Brasil. Qual das duas opiniões é exacta? Qual é a opinião do estimado Leitor? Gostaríamos muito de saber como são acolhidos os nossos Editoriais. Fazemos um apelo muito especial a todos os Leitores para que nos transmitam a sua opinião quer seja favorável, quer seja desfavorável. É um favor que solicitamos para nosso esclarecimento e esperamos que nos seja prestado este serviço, que desde já muito agradecemos. Todas as respostas serão registadas nestas colunas.

EM LAMEGO

Foi inaugurado o Grupo n.º 49 dos Escoteiros de Portugal

No passado dia 2 de Maio, foi inaugurado, na cidade de Lamego, mais um Grupo dos Escoteiros de Portugal. Na véspera, chegaram àquela cidade elementos de alguns grupos da Região do Norte, que acamparam no magnífico Parque de Campismo, na Serra das Meadas, onde se efectuou o fogo do conselho, com a participação dos grupos presentes e do grupo em festa. No domingo, dia 2, pudemos verificar a presença de chefes e escoteiros dos Grupos 4, 15, 17, 41, 44, 53, 58 e 91 da A. E. P., bem como do E. C. Arnaldo Eduardo Couto, chefe da Região do Norte.

Após a chegada à cidade dos grupos acampados, que se concentraram frente ao Museu, onde já se encontravam os elementos do 49, todos se dirigiram ao Paço Episcopal, onde apresentaram cumprimentos ao Senhor Arcebispo-Bispo de Lamego. Dirigindo-se ao Senhor Arcebispo, o chefe-adjunto do novo grupo, E. C. Humberto Costa, afirmou que colocava o grupo ao dispor da Igreja de Lamego, ali representada na pessoa do seu Pastor. Aquele E. C. convidou o Senhor Arcebispo a visitar a sede do grupo. Seguidamente o Senhor Arcebispo agradeceu os cumprimentos que lhe foram endereçados, prometendo visitar oportunamente a sede. Dirigindo-se aos presentes, disse que os escoteiros devem cumprir os seus deveres, pois têm responsabilidades perante a sociedade. Acabou por desejar a todos os escoteiros as maiores felicidades e convidou-os a visitarem mais vezes a cidade de Lamego, a fim de conhecerem mais profundamente os seus monumentos e os costumes do povo lamacense. À despedida, todos os escoteiros presentes entoaram uma canção escotista, que o prelado escutou atentamente e com certa emoção.

De seguida, os escoteiros encaminharam-se para a messe dos oficiais, onde foram recebidos pelo comandante militar. O E. C. Humberto Costa começou por afirmar que os escoteiros não lhe iam apresentar cumprimentos formais; iam visitar um amigo de longa data, a quem muito devem. Disse dever ao comandante militar o facto de este grupo ficar a ser conhecido, não só em Portugal, mas também internacionalmente, durante as Festas da Cidade de Lamego, em 1975, onde actuaram em três postos de primeiros socorros, tendo atendido cerca de 1200 portugueses e estrangeiros. Falando também, o chefe da Região do Norte agradeceu àquele militar, em nome dos Escoteiros de Portugal, todos os favores prestados ao Grupo 49, pedindo-lhe que continuasse a amparálo na sua futura vivência. Comovidamente, o senhor Comandante agradeceu a visita, recordando que foram os escoteiros do 49 que, em 1975, aquando de uma provocação que lhe fora dirigida, felizmente gorada, se apressaram a oferecer-lhe os seus préstimos, colocando-se inteiramente a seu lado. Após ter prometido continuar a ajudar o Grupo 49, dentro das suas possibilidades, abraçou todos os chefes presentes e cumprimentou os escoteiros que, à despedida, o saudaram com entusiasmo.

Depois, os escoteiros foram visitar o Museu Regional de Lamego, onde cada grupo recebeu um roteiro da cidade, oferta da Comissão de Turismo. Seguidamente, encaminharam-se para o Convento de S. Francisco, onde os novos escoteiros prestariam o seu compromisso. A igreja, apesar de ser uma das maiores da cidade, tornou-se pequena para acolher os escoteiros, familiares e amigos. Com a presença do guardião daquele Convento, que na altura própria dirigiu palavras de muito carinho aos escoteiros, iniciou-se a missa, após a qual se procedeu aos compromissos dos novos escoteiros. Principiando pelos dirigentes, recebidos pelo chefe da Região do Norte dos Escoteiros de Portugal, esta cerimónia terminou com o compromisso dos demais elementos do 49, num total de 84. O Grupo Coral do Convento, onde se integraram escoteiros de Lamego, dirigido pela menina Maria Isabel Ermida, acompanhou toda a cerimónia.

Findo o acto, os escoteiros foram até à Câmara Municipal de Lamego, onde foram recebidos pelo presidente e vereadores. O E. C. Humberto Costa apresentou cumprimentos em nome de todos os presentes, explicando os motivos da visita, inédita na história do escotismo em Lamego. Disse que os escoteiros estarão «Sempre Prontos» para colaborar com a Câmara, afirmando que o Grupo admite nas suas fileiras todos os jovens, independentemente dos seus credos. O presidente agradeceu, em nome pessoal e da Câmara, a visita e os cumprimentos de que fora alvo, afirmando que o Grupo 49 vinha preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir na cidade de Lamego e, por tal motivo, a Câmara ajudaria os escoteiros dentro do possível, esperando idêntica colaboração. Perante o entusiasmo de todos os presentes, o presidente ofertou ao 49 uma bandeira da cidade. No final, o chefe da Região do Norte agradeceu em nome dos Escoteiros de Portugal.

Organizou-se, seguidamente, a concentração de todos os chefes e escoteiros presentes que, transportando as bandeiras nacional e da cidade à frente das bandeiras dos grupos, se encaminharam em formatura para a sede do Grupo 49. Centenas de pessoas — familiares e amigos dos escoteiros, ou simples curiosos —, acompanharam-nos até à sede, onde as bandeiras foram hasteadas, enquanto era entoado o Hino Nacional.

Após o almoço, seguiu-se uma visita à sede do 49, sendo muito apreciadas as instalações e os trabalhos escotistas que enchiam os cantos das patrulhas. A meio da tarde, os grupos que se deslocaram a Lamego seguiram os seus destinos, depois da concentração no Largo do Museu, para a cerimónia do «Adeus». Ao Grupo 49, aos seus dirigentes, escoteiros e amigos, endereçamos os mais veementes votos de «Boa Caça».

JORGE DIAS FERNANDES



Grupo n.º 31

Problemas de chefias

O recém-nomeado chefe deste Grupo pediu a demissão deste cargo e de presidente da Direcção. Para nomeação de um novo chefe, reuniu o Conselho de Guias, o qual confiou o cargo a um jovem «antigo» no Grupo.

A sala, pintada harmoniosamente e em lindas cores, prometia que uma nova vida surgiria para o Grupo, que dentro em breve comemoraria mais um aniversário.

Na proximidade dessa data, preparou-se e discutiu-se o programa de actividades para o dia, no qual prestariam promessa 9 aspirantes. O novo chefe, ainda não nomeado oficialmente, recebeu um programa-sugestão e confiou aos escoteiros que iria dirigir o voto de escolha. Foi tudo alertado! Com receio de que não conseguissem «brilhar» nesse dia, preferiam um programa fácil de cumprir para o qual foram pedir auxílio, não ao chefe demissionário, mas a um grupo com raízes da mesma «árvore», o qual, sentindo no seu meio um ex-elemento do 31, decidiu intervir. Como o chefe demissionário tivesse confiado a chefia ao elemento nomeado em Conselho de Guias, aguardou o resultado. Este último quis manter em segredo a sua decisão e, embora convidado a revelar as suas dificuldades, não o fez. O certo é que, para espanto do chefe demissionário, quando chegou a hora do início das comemorações, quem dava ordens não era ninguém do grupo em comemorações de aniversário nem por estes eram dirigidos, mas sim pelo grupo convidado que, assenhoreando-se da situação, veio dirigir o 31, nem mesmo cessando essas funções quando lhes foi pedido para entregar o cargo ao chefe incumbido de tal. Eram alguns os visitantes, mas apesar do seu número diminuto, desde a promessa às actividades fora da sede, tudo foi por eles dirigido.

J. T. O.

TUDO COMO DANTES...

Continuação da pág. 1

teiros. Essa atmosfera, mais ou menos tóxica, transparecia nitidamente dos acontecimentos que antecederam a reunião e encontraram perfeito eco nas próprias palavras com que o presidente da AEP, o Dr. Fausto Salazar Leite, que também presidiu aos trabalhos, abriu a sessão inaugural.

Casa dividida não subsistirá

O presidente da AEP, que tinha a secretariá-lo os EC Carlos Miranda e José António Ribeiro e Cunha, começou por chamar a atenção para algumas das figuras que ali se encontravam, dos mais antigos escoteiros que honravam a reunião com a sua presença, como o General Jorge Oom. Presentes também dirigentes e ex-dirigentes associativos, o que compunha muito bem a vasta sala dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, associação que, mais uma vez, distingiu os escoteiros com a cedência das suas boas instalações para a realização da conferência.

O presidente lembrou que a última conferência de dirigentes se realizara em Maio de 1974 e que uma das recomendações que então se fizeram à Direcção que fosse constituída era a de que procedesse à elaboração de novo estatuto associativo. Era esse um dos objectivos que reunia ali a todos, pelo que era de esperar que o desejo de cada um fosse o de fazer com que o Escotismo pudesse cooperar, de forma construtiva, no aperfeiçoamento da comunidade nacional. Pedia a todos os presentes que tudo fosse feito em ambiente fraterno e com espírito de benevolência e tolerância. E entrando abruptamente na ordem dos trabalhos, começou a ler o relatório da acção desenvolvida pela Direcção associativa durante os dois últimos anos. De salientar, as declarações quanto ao trabalho levado a cabo pelo EC Albano da Silva, sobre o qual traçou encomiásticas referências, acabando por lamentar o seu afastamento das funções de secretário-geral, recentemente ocorrido. Mais palavras de apreço dirigiu aos outros membros da Direcção, de cuja colaboração, afirmou, o nosso movimento não pode prescindir, palavras que foram culminadas por salvas de palmas de todos os presentes.

Uma comunicação de «Sempre Pronto» à conferência

Foi então que os representantes de «Sempre Pronto» ali presentes manifestaram o desejo de que lhes fosse dada oportunidade de dirigirem uma comunicação à conferência de dirigentes.

O presidente da AEP anuiu, embora revelando certa preocupação, pois mais uma vez apelou para os sentimentos de tolerância e compreensão que deviam ser observados em todas as intervenções.

Afinal, o «Sempre Pronto» queria simplesmente dar a conhecer aos presentes a notícia de que suspenderia a publicação no fim deste ano, face às enormes dificuldades com que se debate, quer financeiras, porque cada número que publica lhe custa presentemente muito mais caro do que o que obtém da sua venda, quer de pessoal, visto que a deserção, da equipa de «Sempre Pronto», de vários companheiros tem feito recair sobre os que se mantêm uma enorme sobrecarga de trabalho, situação impossível de se manter indefinidamente.

O EC António Augusto da Silva e Cunha pretendeu imediatamente tomar posição perante o problema do «Sempre Pronto», mas, a pedido do presidente, deixou as declarações para mais tarde.

Como era ainda cedo para a interrupção para o almoço, foi decidido que o resto da manhã se passasse com a troca de considerações acerca dos projectos de estatuto a submeter a discussão.

Os perdulários da conferência

Entretanto, surgia outro problema: como se tinha entrado inopinadamente na apreciação dos trabalhos da agenda da conferência, sem ter havido a prévia apresentação das entidades que ali se encontravam, nem se ter procedido à indispensável verificação de poderes, foi chamada a atenção do presidente, pelos representantes deste jornal, para a pretensão do «Sempre Pronto» a ter voto deliberativo, desejo esse que, aliás, já momentos antes fora comunicado particularmente ao presidente, mas que parecia ter caído no rol dos esquecidos.

O Dr. Salazar Leite disse que não, que o «Sempre Pronto» não tinha direito a voto, tal como rezava o estatuto. E não pensava sequer em pôr o assunto à consideração da assembleia.

«Sempre Pronto» manifestou a sua discordância quanto ao ponto de vista do presidente, visto julgar-se compreendido nas instituições previstas na alínea *b)* do artigo 11.º do estatuto. Aliás, já em conferências anteriores lhe fora reconhecido esse direito.

Mas o assunto entrara em beco sem saída. O presidente teimava no seu ponto de vista e chegou até a perguntar aos presentes se era verdade que o «Sempre Pronto» participara plenamente em conferências anteriores. Felizmente, na assistência encontrava-se o Eng.º Nobre Santos que confirmou a declaração de «Sempre Pronto». Não fazemos ideia, caso se tivesse registado a ausência desse antigo

Continua na pág. 5



José Duarte Coelho

Do Entroncamento, veio-nos devolvido em 16 de Junho passado um exemplar do nosso jornal com o apontamento de «faleceu». Tratava-se do nosso muito antigo assinante sr. José Duarte Coelho, que foi durante muitos anos dedicadíssimo presidente do Grupo n.º 84 dos Escoteiros de Portugal, daquela vila.

Mas a figura do falecido merece palavras de homenagem pelo muito que o Grupo n.º 84 lhe ficou dever e, até, a vila do Entroncamento, cujo desenvolvimento ele impulsionou. Por isso, nos parece de lamentar que no «84» não tivesse havido alguém que nos desse a conhecer o triste acontecimento.

José Duarte Coelho, que se encontrava reformado, fora funcionário da C. P., e desde muito cedo se interessou pela localidade onde vivia, tendo presidido à respectiva Junta de Freguesia. Nessa qualidade, notabilizou-se por diversos serviços prestados ao Entroncamento, como fornecimento de águas, esgotos, melhoramentos diversos, tendo a certa altura lutado para que a vila fosse elevada à categoria de concelho. E conseguiu. Deve-se ao seu esforço a construção do edifício da Câmara, onde imediatamente preparou instalações para a sede do Grupo de Escoteiros e Corporações de Bombeiros.

A célebre banda do Grupo 84 era inteiramente obra de sua inspiração e impulsionamento. Durante muitos anos, foi ele que manteve o entusiasmo nas fileiras do Grupo 84, cooperando, ajudando, estimulando, acompanhando todas as actividades e recebendo com galhardia aqueles que visitavam o Grupo.

Ribatejano, vestia-se tipicamente e manifestava o maior entusiasmo por tudo aquilo que à sua Região dizia respeito. Mesmo aqueles que possam não estar de acordo com as suas opções políticas, não podem deixar de prestar homenagem a um homem bom, honesto, que dedicou a sua vida à terra onde vivia, onde não queria que houvesse infelizes, para o que criou uma obra de assistência onde todos poderiam tomar em condições decentes as suas refeições sem lhes perguntar quem eram.

Os Escoteiros devem-lhe homenagem e, por isso, «Sempre Pronto» vem apresentar condolências muito sentidas a sua família.

Não tenhas medo de avançar lentamente: teme apenas a inércia.

PROVÉRBIO CHINÊS

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

A amizade escotista

Já leste o «Escotismo para Rapazes»?

Não sei porquê, estou em crer que ainda não conheces esse livro de Baden-Powell. Se assim é, aconselho-te vivamente a que traves conhecimento com ele. A leitura é um hábito, aliás saudável e proveitoso hábito. É um exercício mental que tem de ser cultivado, tal qual como outras práticas educativas, pois só com a sua execução regular se poderá colher todas as vantagens que possui.

Além disso, «Escotismo para Rapazes» é um livro admirável, um best-seller *quando foi lançado no Reino Unido e ainda hoje tem uma venda notável. Foi escrito propositadamente para os jovens por alguém que bem de perto os conheceu e os compreendeu perfeitamente, o que lhe permitiu criar a mais extraordinária organização para a juventude dos tempos modernos.*

Pois, nesse livro verificarás que «os escoteiros de todo o mundo são os embaixadores da amizade, que se dedicam a criar amigos e a abater barreiras erguidas pela cor, credo e classe social». E mais adiante: «Se formos amigos, não desejaremos entrar em disputas».

A amizade é, portanto, um dos grandes objectivos do escotismo.

Desconfia dos que, mesmo envergando o uniforme do nosso movimento, não revelem nos seus actos e não exprimam nas suas palavras este genuíno sentimento do escotismo.

É que só se vê se alguém é bom escoteiro pelo mesmo processo com que se conhece se uma árvore é boa: pelos frutos.

Sempre ao teu dispor
PINGUIM DO MEIO-DIA

Cuidados a ter com as tendas depois do acampamento



A conservação das tendas deve ser uma das preocupações do guarda do material, pois, sem elas, não há acampamento e, com as tendas em mau estado, passa-se mal.

A duração das tendas está em função do tratamento que se lhes der e dos cuidados que se lhes dispensar.

Presta, pois, atenção aos conselhos seguintes:

1.° Nunca se deve conservar por muito tempo a tenda enrolada dentro do saco que a protege, sobretudo quando estiver molhada ou húmida.

Por isso, logo que se regresse do acampamento, abre-se a tenda e deixa-se a secar.

2.° As tendas devem colocar-se a secar sobre cordas num lugar bem ventilado. Não devemos esquecer que podem ter sempre um pouco de humidade e guardá-las assim pode dar origem a que criem mofo e apodreçam.

3.° Depois de secas, devem ser escovadas com todo o cuidado para se retirar terras ou lamas.

De seguida, serão inspeccionadas: a mais pequena fenda ou rasgão deve ser logo consertado.

4.° Os esticadores devem ser igualmente revistados, para ver se estão em condições.

5.° Separam-se da tenda os mastros e as estacas, para não prejudicarem a lona.

Os mastros serão limpos e as estacas conferidas e guardadas no respectivo saco.

6.° As tendas, bem secas e limpas, serão cuidadosamente dobradas e guardadas. Durante o Inverno, convém ter em conta os insectos daninhos, como a traça, por exemplo.

O encarregado do material deverá examiná-las, por prudência, uma vez por mês.

De A Nova Voz — Grupo 8

«A ÁGUA — MEIO DE VIDA ESSENCIAL»



A ONU designou o dia 5 de Junho como o *dia mundial do ambiente*. Para este ano, foi escolhido o tema *«A água — meio de vida essencial»*, como aliás *Sempre Pronto* referira há alguns meses. E temos de convir que não podia ter sido mais pertinente a escolha do tema, se pensarmos com que este ano de 1976 tem sido, em especial na Europa, um dos períodos em que a falta de água tem assumido aspectos muito preocupantes e dado origem a carências que as populações têm sentido agudamente. Aqui, em Portugal, o problema está presente dia após dia, não só pela seca de rios, de nascentes e albufeiras, com os seus desagradáveis reflexos na agricultura, como até pela falta de electricidade, que tantos prejuízos traz para os vários sectores da actividade.

Porém, o *dia do ambiente* tem outros objectivos mais práticos que o de teorizar sobre problemas relacionados com o tema escolhido. Por exemplo, no *dia do ambiente* deste ano deu-se início ao «ano de estudo e de acção» que conduzirá, em Maio de 1977, à 1.ª Conferência Mundial das Nações Unidas acerca da Água, que se realizará em Buenos Aires.

Diz-se num folheto, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Ambiente (UNEP), que tem a sede em Nairobi, no Quénia, que não há nenhum outro factor que mais possa contribuir para o bem-estar dos povos do mundo que um acessível aprovisionamento de água salubre.

Atinge os 70 % da população mundial a quantidade de pessoas que não dispõe, actualmente, de água suficiente e boa, o que dá origem a que as doenças transmitidas pela água em más condições de salubridade matem diariamente 25 000 pessoas.

Em inquérito recente, levado a efeito em oito países em desenvolvimento, chegou-se à conclusão de que, em 90 % dos casos, a mortalidade infantil podia ser evitada se esses países pudessem ser

Continua na pág. 6

TUDO COMO DANTES...

Continuação da pág. 3

dirigente, se a afirmação dos representantes do «Sempre Pronto» seria, ou não, pura e simplesmente desmentida...

Era irredutível, porém, a posição do presidente: não, não e não! Na sala, dois campos distintos: os que concordavam com a posição do «Sempre Pronto» e os que discordavam da sua pretensão, isto, talvez, porque desconhecessem a determinação n.º 4, inserta no *Boletim Oficial* n.º 1/48.

Foi quase preciso tirar a ferros a decisão de pôr o assunto à assembleia; mas assim acabou por ser feito. No fim da votação, as duas partes estavam empatadas! Mas, providencialmente, apareceu o representante do Grupo 14 que disse sim à admissão de «Sempre Pronto». O jornal ganhara o pleito!

Mas o «Sempre Pronto» estava ali para servir. Era-lhe, de certo modo, indiferente ter, ou não, voto deliberativo. Isso era questão de somenos. Por isso os seus representantes informaram que renunciavam ao mandato que acabava de lhes ser confirmado. Os pródigos da conferência tinham desperdiçado assim um voto que, como se verificaria mais tarde, poderia vir a ser precioso...

O fim das tréguas

Prosseguiu a conferência. O Almirante Tengarrinha Pires opinou que havia vantagem em que o futuro estatuto contivesse apenas ideias muito gerais, a fim de durar por muito tempo, sem necessidade de actualização. Os pormenores seriam contemplados no regulamento dele decorrente, o que facilitaria qualquer alteração que porventura viesse a impor-se.

Esta oposição, com base bastante aceitável, não mereceu, contudo, a concordância do EC Meira Ramos, que disse que o certo é melhor que o justo. Portanto, parecia-lhe que o estatuto devia ser muito pormenorizado.

Eram duas opiniões aceitáveis. Cumpria decidir qual das duas prevaleceria. Mas, não. De repente, vieram ao de cima as consequências do mal-estar que ali existia latente: Vários dos presentes defendiam, a todo o transe e tomando imprevisto calor, a parte por que se decidiram. Eram dois antagonistas que se defrontavam implacavelmente.

O presidente não assentava na melhor forma de conduzir os trabalhos, isto porque cortava, agora, a palavra a um dos intervenientes no debate, por o assunto não ser pertinente, para, logo a seguir, permitir que um outro se espraiasse em semelhantes considerações.

Os ânimos azedavam-se. Eram duas facções que não se comprometiam a encontrar o caminho para o melhor estatuto para a AEP, mas que queriam, a todo o custo, impor o projecto que tinham escolhido.

O EC Arnaldo Couto chegou mesmo a abandonar a sala, aonde regressou pouco depois.

Havia os que queriam que o projecto dos do Norte fosse, nem mais, nem menos que neutralizado. Acabou, no entanto, por prevalecer o bom senso: embora a discussão se fosse basear no projecto da Direcção, o dos camaradas nortenhos seria tomado na devida consideração.

O grande cisma

Mas a conferência estava irremediavelmente ferida. Não mais as duas partes se entenderiam para definir um ponto de encontro entre as suas posições, a fim de se chegar a resultado positivo.

Nem o almoço, que a AEP teve a generosidade de oferecer a todos os presentes, pôde aplacar o mal-estar que estava em suspensão no ambiente. Os campos estavam estremados e não existia o elemento catalisador.

Quando foi aberta a sessão da tarde, deu-se conta de uma estranha ocorrência: os representantes de dez dos grupos da Região do Norte não estavam presentes!

Foi o descalabro. Por falta de quórum, não seria possível alterar o estatuto!

Havia quem tivesse a esperança em ver regressar os transviados, esperança que, todavia, o tempo se encarregou de destruir. A indignação instalou-se em diversos quadrantes, fizeram-se incríveis declarações, exprobrou-se o procedimento dos ausentes em palavras duras, dirigiram-se perguntas à mesa e aos circunstantes. Até o EC João Constantino propôs o inconcebível: visto que os grupos que abandonaram a conferência provaram não estar interessados nos trabalhos, que a conferência resolvesse então — ela própria e naquelas circunstâncias — que tinha autoridade para tratar da alteração do estatuto e procedesse em conformidade.

A realidade impôs-se: punham-se de lado os assuntos que exigissem quórum e tratar-se-iam doutros pontos da agenda. E assim foi.

Reeleição do presidente da AEP

Entrou-se, pois, na eleição do presidente da AEP.

Distribuídos os papéis dos votos, os eleitores estavam embaraçados. A quem eleger? Ninguém sabia, ao certo. Houve quem perguntasse quais os candidatos. Não havia, cada qual escolheria livremente. O lugar de mais responsabilidade dos Escoteiros de Portugal seria entregue a quem tivesse de ser...

Era crível que surgissem muitos votos nulos, dada a hesitação reinante. Afi-

Continua na página 7

Assim vai o Escotismo em Portugal!

A A. E. P. — Serviços Centrais — editou umas folhinhas com normas de orientação para o Movimento. Foram-se buscar artigos do jornal «O Escoteiro», Mar. 1927; do jornal «Escotismo», Fevereiro de 1930; idem de Julho, Agosto e Setembro de 1933, ao Boletim do Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones, etc., etc., tudo perfeitamente identificado, com nomes de autores e da respectiva publicação, muito correcto e certo. Mas não só, também se fizeram duas transcrições mais modernas do «Sempre Pronto», mas ocultou-se a origem, indicou-se somente o nome do autor.

A cortesia e a lealdade eram imperativos da Lei do Escoteiro, do antigo decálogo. Por isso se reconhece a necesssidade urgente de actualizar a Lei e o Compromisso, porque há princípios que prejudicam esse ESCOTISMO que se pretende inventar. É necessário fabricar um Escotismo fácil, acessível a toda a gente, mesmo àqueles que não são capazes de admitir que haja alguém que ouse não estar de acordo com as suas sapientes opiniões, logo transformadas em determinações. Mesmo esta coisa da lealdade é muito incómoda.

Em Leça da Palmeira

Foi inaugurada uma unidade dos Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 43 — Com um acampamento na Quinta de S. Tiago, em Leça da Palmeira, efectuado no dia 15 de Maio, iniciou-se o ciclo festivo da inauguração deste novo Grupo dos Escoteiros de Portugal.

Estiveram presentes os Grupos 25, 33, 38, 44, 49, 53 e 91 da A. E. P. e uma Companhia de Guias daquela vila, além do Grupo em festa. A noite, efectuou-se o fogo do conselho, onde actuaram elementos dos Grupos acampados. No dia seguinte, logo de manhã cedo, foi levada a cabo uma prova de orientação com Patrulhas mistas. Depois, procedeu-se à cerimónia do compromisso dos elementos do Grupo 43, a que se seguiu a missa católica. Após o almoço, os lobitos presentes apresentaram algumas das suas actividades, seguindo-se uma corrida de andas, com a participação dos escoteiros. Com uma festa de campo, terminou a cerimónia da inauguração do Grupo 43, de Leça da Palmeira. A este Grupo, a todos os seus elementos e amigos, desejamos um auspicioso futuro e «Boa Caça».

JORGE DIAS FERNANDES

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da pág. 4

abastecidos de água potável, tivesssem um saneamento capaz e as águas sujas fossem levadas para os esgotos. «A mais ingente necessidade em termos de ambiente nos países em desenvolvimento é a duma melhor higiene», declara-se num relatório do UNEP. Por esses povos não conhecerem essa higiene é que quatro quintos da população mundial está sendo presa de várias doenças provocadas por águas sujas e imundícies.

A água não é apenas essencial para as culturas, mas é necessária também para a cozinha, para beber, para lavar, para a energia, indústria, os transportes e passatempos. Todavia, todo este conjunto de vantagens não impede que a água possa ser uma fonte de perigos. A irrigação, por exemplo, traz consigo o risco de propagar em novas regiões as moléstias transmitidas pela água.

«A chave do problema da água» — declara Dominique Larré, perita do UNEP — «é de multiplicar e aumentar as vantagens da água e de diminuir e dominar as desvantagens. Isso levar-nos-á ainda mais a fazer com que os responsáveis do ambiente tratem deste recurso vital». De toda a água que há no mundo, apenas 1 % dela é utilizada pelo homem. A restante está retida nas calotas glaciares, nos oceanos e sob a superfície da terra. E, as mais das vezes, esse 1 % é poluído.

Segundo o UNEP, há água suficiente no mundo para satisfazer actualmente as necessidades do dobro da população mundial. Mas não está repartida equilibradamente. Diz Dominique Larré: «Há bastante água, mas é raro estar no devido lugar, na devida hora e na devida quantidade e qualidade. Assim, a solução do problema é, uma vez mais, uma administração eficaz da água».

Nos nossos dias, a indústria contamina 160 km³ de água por ano, o que, em média, vai contaminar vinte e cinco vezes o seu volume assim que é lançada nos rios e nos mares. Por exemplo: são precisos 40 litros de água para produzir uma lata de legumes de conserva, 10 litros para um litro de petróleo, 200 m³ para uma tonelada de aço e 3 ½ m³ para uma tonelada de cimento.

A qualidade da água é igualmente desperdiçada e contaminada nas habitações. Nas zonas urbanas do mundo industrializado, 40 % da água existente é gasta em descargas nas retretes. Durante um ano, o uso médio de uma descarga de água contamina quase 60 000 litros de água potável para eliminar 600 litros de excrementos humanos.

«O desperdício inconsiderado e a utilização desnecessária da água» — diz Letitia Obeng, uma das peritas do UNEP — «equivalem a uma espécie de crime contra aqueles que não têm água. É preciso que se crie um respeito salutar a respeito da água em todas as partes do mundo».

Pagamento de assinaturas

Continuámos a registar o pagamento espontâneo de assinaturas. Queremos agradecer as seguintes remessas:

Assinantes Patrocinadores

Sr.ª Dr.ª D. Stephanie Lion, Lisboa; Armando Chanplon, Manuel Dias dos Santos, Augusto Horácio C. Neto, Dr. Fernando de Meira Ramos.

Outros assinantes

António Carlos Lapa Conde, Paulo Alexandre Châtillon, Adelino Madeira, José Maria F. Rocha, Carlos José Trigo, Joaquim Tavares Oliveira, Rui Manuel Lopes, Herlânder Dinis, Carlos Sacramento, Fernando Neves da Rocha, Grupo 48 AEP e António Barbosa.

A todos estes dedicados amigos endereçamos o nosso «muito obrigado».

«SEMPRE PRONTO»

Continuação da pag. 1

deliberado na última reunião da Direcção.

«Sempre Pronto» suspenderá assim sem derrota, de cabeça erguida, sem quebra na linha de orientação que traçámos desde o primeiro número. Começámos em luta árdua com aqueles que pretendiam vestir o Escotismo de roupagens talhadas em figurinos correntes na época; terminamos novamente em luta na defesa da integridade do Movimento, opondo-nos àqueles que pretendem esvaziá-lo do seu valioso conteúdo espiritual em obediência a outros e não menos censuráveis modas.

Mas não terminaremos sem prestar justa homenagem aos Antigos Escoteiros e aos amigos do Escotismo que têm sido os grandes sustentáculos deste trabalho. Muitos já nos acompanham desde o primeiro ano, desde 1945. Quebrar o elo que durante tantos anos nos ligou a estes amigos é o único remorso que nos ficará. Mas esperamos a sua benevolente compreensão.

Entretanto, de quando em vez e para manter a garantia do título, publicaremos um número eventual que fará rápida visita aos nossos Amigos e nos fará lembrados. Por agora, prosseguiremos até Dezembro.

A DIRECÇÃO

Conferência de Dirigentes

O EC Dr. Fernando de Meira Ramos enviou-nos extensa carta a rectificar uma passagem da notícia que publicámos na edição de Maio p. p. com a mesma epígrafe desta local.

Diz este nosso companheiro, entre outras afirmações, que, ao contrário do que ali se diz quanto à Região do Norte ter resolvido facultar o seu projecto de estatutos, essa Região «não fez, nem foi encarregada de fazer quaisquer estudos e, por isso, não é verdade que tenha resolvido facultá-los, não sendo, portanto, correcto dizer-se que, dado isso, a Direcção da AEP vai poder distribuir cópias de vários estatutos, como se tudo estivessse dependente de uma atitude da Região do Norte».

O Dr. Meira Ramos esclarece ainda que, conforme foi comunicado, havia apenas (e de facto assim sucedeu, acrescentamos nós) dois projectos para serem apresentados à Conferência, o da própria Direcção e outro subscrito por três dirigentes da Região do Norte, segundo um trabalho elaborado por este nosso companheiro.

Outras judiciosas considerações que faz, não interessa agora dar-lhes publicidade, não só pela falta de espaço com que lutamos, mas sobretudo porque a Conferência de Dirigentes já está enterrada entre outros acontecimentos passados.

O NOVO GRUPO 53

Como muitos dos nossos leitores certamente fizeram reparo, o novo Grupo 53, a que nos referimos no último número, não é o que acaba de ser formado na bela cidade de Lamego, o qual tem o número 49, mas, sim, o que tem por berço a freguesia de Real, de Braga.

As considerações que fizemos têm, contudo, absoluto cabimento em relação ao Grupo de Braga.

Queremos aproveitar o ensejo para incluir entre os mais destacados membros do antigo Grupo 53, porque muito o merece, o nosso estimado assinante patrocinador sr. João Carlos Saraiva Mamede, com uma excelente folha de serviços no 53, e cuja invulgar dedicação pelo nosso movimento permanece inalterável.

A CAMPANHA DE ASSINATURAS

Alguns Grupos — poucos — continuam a apoiar a Campanha de Assinaturas. O activo e florescente Grupo 24, do Funchal, mandou mais três assinaturas, pelo que somou 8.

O Grupo 12, de Sassoeiros, Carcavelos, remete duas novas assinaturas.

O Grupo 17, do Porto, remeteu duas novas assinaturas.

A todos, agradecemos o apoio, mas devemos declarar que damos a campanha por encerrada. Dissemos no princípio que só 20 assinaturas por cada Grupo poderia resolver o problema. Como a maior parte dos Grupos não correspondeu é porque o problema não despertou interesse senão em alguns Dirigentes Escoteiros. A esses expressamos a nossa gratidão.

TUDO COMO DANTES...

Continuação da pág. 5

nal, de entre os 25 votos entrados, 21 elegeram o Dr. Salazar Leite e 3 tinham o nome do Eng.º Manuel Lopes Peixoto. Apenas um era nulo.

Pronto. Também esta parte da agenda estava arrumada.

O presidente agradeceu ter sido reconduzido nas suas funções. Preveniu, no entanto, que não sabia se poderia dar conta do encargo que lhe fora cometido, porque tal dependia da assistência que lhe fosse dada, nomeadamente por aqueles que se têm afastado. Disse, a terminar, que é contra o seu feitio ser tudo e mais alguma coisa.

O EC Mariano Garcia congratulou-se com o resultado da eleição, a qual revela que, finalmente, se estava a pensar mais no amanhã que no ontem. Disse da sua preocupação sobre a possibilidade de se fazer escotismo, pelo que se tornava necessário saber quem são os que querem continuar.

O final aproxima-se

O presidente pôs à aprovação as conclusões que a Direcção elaborara e que são as seguintes:

1.ª *Condicionado pela conjuntura, e à luz dos votos da conferência, é de prosseguir nas orientações referidas no relatório da Direcção, quanto a:*

a) *estruturação orgânica;*

b) *regulamentação, matéria de carácter urgente;*

c) *preparação para a expansão:*
- ca) *formação de líderes;*
- cb) *informação sobre a AEP;*
- cc) *colaboração com as escolas, se os novos estatutos a possibilitarem;*

d) *programação do treino:*
- da) *seniores;*
- db) *aptidões especiais;*

e) *sistema de publicações (possibilidade de permanente ampliação e substituições);*

f) *fornecimento de material e uniformes (sem intuito comercial);*

g) *melhoramentos do Parque Nacional de Escotismo.*

A Direcção põe ainda à consideração da conferência mais as seguintes propostas de resolução:

2.ª *É de procurar extrair maior resultado dos elementos oriundos da Organização Mundial e das associações congéneres.*

3.ª *As relações com o CNE e a AGP prosseguirão na base da fraternidade e do bom entendimento, ressalvada a autonomia ideológica e estrutural da AEP.*

Depois de ler estas propostas, o presidente declarou:

— Quem aprove, deixa-se ficar como está. Quem desaprove, levanta-se.

Ninguém se levantou e, assim, as conclusões foram todas aprovadas, uma a uma.

Chegados ao fim dos pontos da agenda, falou-se ainda dalgumas outras coisas, a modos de preencher o tempo, ou, melhor, como se fosse uma conferência de dirigentes em saldos de fim de estação.

O EC Meira Ramos demonstrou, com números, que, mesmo que os que se ausentaram se tivessem mantido na conferência, não podia ser alterado o estatuto, porque faltava ainda um membro para o necessário quórum.

O EC Silva e Cunha falou da experiência que se está levando a cabo no grupo que chefia, o de um escotismo aberto, que exige chefes actualizados e não botas-de-elástico. Declarou que o rapaz se satura em acampar sempre no mesmo sítio. É preciso procurar lugares diferentes, visitar outros grupos, acolher escoteiros doutras unidades. Disse que é pena que nos nossos estatutos não exista o artigo 26.º, que previsse a irradiação, pura e simples, dos chefes que não têm espírito escotista.

Estas últimas palavras foram saudadas por vibrante salva de palmas e apoiados, o que motivou que o EC Meira Ramos voltasse a usar da palavra, para declarar que achava curiosa a calorosa manifestação que coroara apenas as últimas palavras de Silva e Cunha. Afirmou que, se havia chefes que cometeram quaisquer faltas, essas faltas devem ser punidas. E a verdade é que o nosso estatuto tem o artigo que se diz em falta, o 12.º. Perguntou se havia Tribunal de Honra. Se não havia, que o mesmo fosse constituído. Se havia, que o processo disciplinar fosse imediatamente instaurado, a fim de os acusados serem julgados quanto antes.

Houve ainda um voto de agradecimento à Associação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses e ao pessoal e ao Refeitório dos Organismos da Pesca onde o almoço fora servido.

O «Sempre Pronto» na liça

Já os trabalhos estavam, por assim dizer, encerrados, ainda o EC Silva e Cunha pediu a palavra para falar do problema do «Sempre Pronto». Afirmou que o jornal tem um balanço positivo a favor do escotismo e tem feito bom trabalho. Fez um apelo, que denominou de patético, a todos os dirigentes escotistas de Lisboa para que colaborem mais intimamente com o jornal. Disse que não ficava bem com a sua consciência se não tomasse aquela atitude. Que se faça tudo o que se puder, que a Associação lhe deite a mão. Se as dificuldades são de ordem material, que o preço seja aumentado para 7$50 ou mesmo 10$00.

Alguns dos presentes disseram de sua justiça: o EC José Relvas Pereira sugeriu que os Serviços Centrais editassem um jornal, ainda que tirado ao duplicador, para substituir o «Sempre Pronto». Um escoteiro do Grupo 8, Salvador Teixeira, disse que os escoteiros pegavam no «Sempre Pronto», começavam a ler o artigo de fundo e não conseguiam chegar ao fim. Porque é que o jornal não publicava artigos com mais interesse para os escoteiros mais novos? Porque é que os seus responsáveis não colocavam o jornal nas mãos dos Serviços Centrais ou doutras pessoas que estivessem na disposição de fazer um jornal para a juventude?

O representante do «Sempre Pronto», que ainda ali se encontrava, respondeu que o jornal tinha de servir o público que o comprava e que queria que ele conservasse o carácter que tem. Esse público é constituído, em maioria, por antigos escoteiros, amigos do escotismo e dirigentes escotistas. A verdade é que o jornal também publica muitos trabalhos dedicados aos escoteiros mais jovens. Estes é que não correspondem, como aconteceu, por exemplo, com um concurso que se pretendeu lançar e a que só um grupo respondeu. Além disso, não era oportuno tratar-se da transferência de «Sempre Pronto» para outras mãos, visto que a sua publicação estava prometida até ao fim do ano. Quem se sentisse em condições de publicar um jornal para escoteiros, que o fizesse, porque não estava dependente do título de «Sempre Pronto». Nomes para jornais não faltam...

O EC Silva e Cunha ainda propôs que a «insígnia de gratidão», recentemente instituída, fosse conferida aos membros da Direcção actuais e cessantes, ao jornal «Sempre Pronto» e ao EC Mário Fernandes pela sua persistente dedicação ao escotismo. No entanto, nada disto foi posto à aprovação. A conferência de dirigentes terminava, aliás, tal como havia começado: atabalhoadamente.

E acabava sem deixar saudades a quem quer que fosse. Existirá realmente o mau-olhado?

Assim vai o escotismo em Portugal.

Os Grupos e a Conferência

Grupos presentes (36): 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 26, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 41, 43, 44, 47, 48, 50, 58, 60, 77, 79, 91, 93 e 94.

Grupos que se ausentaram (10): 4, 15, 17, 26, 30, 34, 41, 43, 58 e 91.

Forma como responderam à consulta sobre o direito de «Sempre Pronto» *a voto deliberativo:*

Grupos com resposta favorável (17): 5, 6, 12, 14, 15, 16, 23, 31, 38, 41, 47, 48, 50, 58, 60, 77 e 93.

Grupos com resposta desfavorável ((16): 4, 7, 8, 9, 17, 22, 24, 26, 30, 33, 34, 35, 43, 44, 79 e 91.

Abstenções (1): 94.

J. R.

O PROGRAMA ESCOTISTA — 7

(Conclusão do número anterior)

Por CARL A. LINSTÉN

Coeducação

A questão da cooperação entre as guias e os escoteiros e/ou coeducação, foram estudadas a diversos níveis pela maior parte das associações que fizeram a revisão dos seus programas. Os resultados deste exame vão desde as recomendações emitidas a favor duma cooperação mais estreita no plano administrativo até à cooperação total (mesmo até a rapazes e raparigas colocados numa mesma patrulha — numa associação).

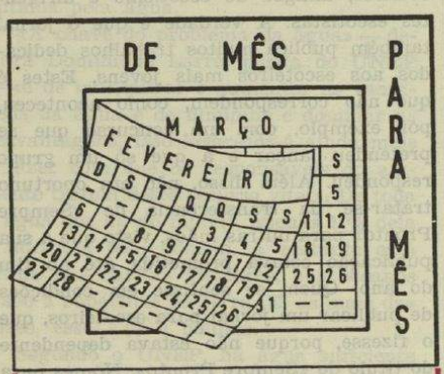
Nos países em que as mulheres ainda têm largo caminho a percorrer até chegarem a um certo grau de igualdade com os homens e onde quer os rapazes, quer as raparigas são educados e preparados para uma vida adulta na qual desempenharão papéis inteiramente distintos, escoteiros e guias (escoteiras) seguem programas com objectivos de educação separados e diferentes. Noutros países, todavia, onde a emancipação das mulheres está adiantada, torna-se muitas vezes desaconselhável ou mesmo impossível, por razões políticas e sociais, a separação dos dois sexos, seja no que for.

Dado que os novos programas, em vez de incidirem principalmente sobre os conhecimentos e a técnica, insistem de preferência no desenvolvimento da personalidade e das relações sociais, vários países afirmam que o escotismo e o guidismo já não podem continuar a assegurar apenas uma formação nos seus domínios entre mulheres e entre homens, respectivamente. As duas organizações já não podem alhear-se da responsabilidade que lhes está reservada de oferecerem as desejadas oportunidades de relações positivas *entre* os sexos. Numa sociedade onde os homens trabalham tanto ao lado das mulheres como ao lado doutros homens, onde se insiste sobre a capacidade de uns e de outras trabalharem em conjunto como indivíduos em plano de igualdade e na qual se leva a cabo um esforço no sentido de eliminar diferenças entre sexos, é de preconizar que os escoteiros e as guias, como se faz nas escolas e noutras organizações pedagógicas, recebam uma educação conjunta e comum aos dois sexos. Nesses países somente a coeducação convém à sociedade actual. De facto, para além dos efeitos das longas tradições, é talvez mais importante oferecer hoje possibilidades de desenvolvimento das relações positivas entre os dois sexos, que para cada um deles.

A coeducação, nesses países, não é algo que se faça ao acaso e que se manifeste ocasionalmente nalgumas actividades em conjunto. Pelo contrário, é considerada como um método pedagógico conscientemente utilizado com a finalidade de criar relações positivas, amplas e normais entre os sexos e de proporcionar aos rapazes e às raparigas ocasiões para trabalharem em conjunto em situações próprias de todos os dias e de os preparar, assim, para viverem numa sociedade que lhes vai oferecer condições idênticas e oportunidades iguais.

«É nos clubes que os jovens dos dois sexos tomam consciência uns dos outros em circunstâncias muito diferentes daquelas que se apresentam no lar e na escola e que mais se assemelham às da vida adulta. Os clubes mistos dão resultados mais satisfatórios que os clubes reservados a um só sexo». (Unesco, *Projecto de Pesquisa sobre a Juventude*, — Austrália).

(De *Programme*, publicado pela Secretaria Mundial do Escotismo).



DEGRADAÇÃO ?



O inspirado decálogo que B.-P. construiu como Lei do Escoteiro, formulava afirmações de honorabilidade, cortesia, lealdade, amizade. O Escotismo orientou assim milhões de rapazes que fizeram a Promessa depois de terem sabido interpretar a Lei e, sobretudo, exemplificá-la. Diz-se, agora, que os rapazes têm dificuldade em fixar dez artigos, o que não pode deixar de fazer sorrir os «antigos», que ainda hoje são capazes de os repetir, um a um, sem hesitação.

Mas a Promessa e a Lei são a alma do Escotismo, o padrão que faz prova de autenticidade do Escoteiro. Todos os Escoteiros são irmãos, são leais, são corteses.

Se o Movimento se deixa esvaziar deste conteúdo e, em vez da Amizade, cultiva o ódio, o rancor; se em vez da Cortesia, pratica o insulto; se a Lealdade é substituída pela insídia; a mentira toma o lugar da Verdade, então tal Escotismo não tem mais razão de existir, é preferível que acabe, que não corrompa tão belo Movimento.

Anúncio da data e do local da Conferência Mundial de 1977

Na Conferência Mundial do Escotismo realizada em Nairobi (1973), foi aceite a oferta feita pelos escoteiros do Canadá de organizarem a Conferência Mundial de 1977.

Desde então a Organização Mundial de Escotismo tem trabalhado em estreita colaboração com o comité canadiano encarregado de elaborar os planos. Foi decidido que a Conferência de 1977 decorrerá em Montreal de 18 de Julho, segunda-feira, a sábado, 23 de Julho inclusive. Todas as reuniõess se realizam no hotel «Queen Elisabeth», que está devidamente preparado para este tipo de conferências.

Nos arredores do hotel, pode-se encontrar alojamentos a preços acessíveis.

Todas as informações complementares serão dadas nos próximos meses.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Circulo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção :
Armando Inácio

Equipa de Administração :
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso : 5$00 — Assinatura anual : 60$00